Identidade do discernimento cristão

1. Pela presença e pela intervenção do Espírito de Deus, os cristãos alcançaram a **liberdade**, que não é só liberdade do pecado e da morte, senão também libertação da necessidade de utilizar a **lei** como caminho de salvação.
Esta **liberdade** não consiste, é claro, no poder de cada um fazer o que quiser; nem tampouco consiste na faculdade de descobrir o que agrada a Deus, a partir das próprias idéias que cada um tem sobre o bem e sobre o mal.
A **liberdade cristã** consiste na submissão ao Espírito (Rom. 8,2), em deixar-se conduzir pelo mesmo Espírito (Rom. 8,5), o qual se realiza por meio do serviço mútuo e do amor aos homens.
2. O cristão, livre da lei, tem só um caminho para encontrar o que agrada a Deus: o **discernimento**.
Este **discernimento** é a expressão do culto autêntico dos cristãos (Rom. 12,1-2), a prática de seu caminhar pela vida como “filhos da luz” em contraposição aos “filhos das trevas” (Ef. 5,8-10), o mecanismo que, mediante o amor, lhes pode levar a descobrir qual é a Vontade de Deus (Fil. 1,9-10), a solução ante o engano e frente aos possíveis desvios que podemos sofrer em nosso itinerário para o fruto final de nossa existência (Fil. 1,10-11), a realização cabal de nossa maturidade na vida cristã. A pessoa não pode encontrar o que agrada a Deus, em cada situação e em cada circunstância, a não ser mediante o **discernimento**.
3. A condição indispensável, para poder realizar o **discernimento cristão**, é a ruptura com o mundo (Rom. 12,2). Ou seja, a resistência frente à ordem estabelecida sobre a escala de valores que põe por cima de tudo o que tem força, prestígio e influência, o poder e a dominação.
Enquanto uma pessoa não se mostra como uma inconformista total diante dessas coisas, será praticamente impossível que faça um verdadeiro **discernimento** cristão. Porque não escuta a voz da consciência que crê, senão a voz da consciência alienada pelos sistemas e poderes deste mundo.
A Vontade de Deus somente pode ser descoberta a partir da “nova mentalidade” (Rom 12,2), ou seja, a partir da escala de valores que põe por cima de tudo o fraco, o pobre e desprezado, o excluído e o que não conta (1Cor. 1,26-29).
Esta “nova mentalidade” é possível a partir da transformação da pessoa: sua interioridade profunda, sua capacidade de valorar, de sentir, de refletir e de amar.
4. O **discernimento cristão** consiste numa experiência original e profunda, a experiência do **amor** cristão. Este **amor**, que invade a vida afetiva do fiel seguidor de Jesus, faz brotar na pessoa uma sensibilidade e um conhecimento penetrante (Fil. 1,9-10) que descobre, com uma certa conaturalidade e espontaneidade, o que agrada ao Senhor.
Esta descoberta não se faz somente em função de algumas normas ou algumas verdades, senão, sobretudo, em função de alguns **valores**: a escala de valores que se opõe ao mundo.
Não se trata, por conseguinte, do mecanismo de uma dedução racional, senão da solicitação ou exigência que comporta todo valor.
Assim, por meio da voz da própria consciência, o fiel cristão descobre qual é a Vontade de Deus em cada circunstância concreta. Tendo em conta que esta descoberta não se faz a partir de um código ou regulamento legal, que se aplica à situação concreta, senão a partir da experiência da ação do Espírito na própria consciência.
Por outra parte, tampouco consiste o **discernimento** em uma fria dedução intelectual que, partindo das próprias idéias sobre o bom e o mau, tira as conseqüências, como se tratasse de um problema filosófico.
5. A pessoa pode enganar-se ao fazer o **discernimento**, e pode tomar por Vontade de Deus o que, na realidade, não é senão vontade própria.
Então, com quê **critérios** o fiel cristão conta para saber que a voz da consciência não lhe engana e que em sua eleição faz o que tem que fazer? O cristão não conta nada mais que com o critério que são os **frutos** do Espírito. Onde se produzem esses frutos o discernimento é acertado. Onde não se produzem esses frutos, o discernimento é falso, por mais que existam outras coisas como a piedade, a devoção, a fidelidade às normas, a eficácia...

Tudo isso é necessário, mas não basta. E até pode resultar enganoso. Porque o ser humano pode auto-satisfazer-se em sua consciência com essas coisas e, precisamente por isso, pode não se dar conta de quão distante está de Deus.

Só a presença do “**fruto**” do Espírito pode garantir a retidão de nossas decisões. E o “**fruto**” do Espírito se reduz a uma só coisa: o **amor** fraterno em suas diversas manifestações que são, alegria, paz, tolerância, agrado, generosidade, lealdade, simplicidade, domínio de si (Gal 5,22).

A relação vertical para Deus não é apresentada nunca como fruto do Espírito, ou seja, não é apresentada como critério para saber se a pessoa acerta ou se equivoca ao procurar descobrir o que agrada o Senhor. Só os frutos que se produzem em nossa convivência social podem garantir a retidão de nossas decisões.

Por conseguinte, onde se produz divisão, ressentimento, agressividade, intolerância, desconfiança, auto-suficiência, distanciamento dos outros, sobretudo dos mais pobres, e, especialmente onde há opressão, é inteiramente impossível que nessas situações se encontre o que agrada a Deus.

6. Os cristãos tem o exemplo mais perfeito de **discernimento**: a vida e a conduta de Jesus.

Pois, crer em Jesus é segui-lo, e segui-lo é assumir como critério de **discernimento** os mesmos critérios que orientaram o discernimento d’Ele.

Pois bem, estes critérios não tinham como finalidade conseguir uma conduta exemplar a todo custo, nem tampouco ser uma pessoa “da ordem”, segundo os critérios da sociedade estabelecida. Jesus tampouco buscou a eficácia a todo custo ou a implantação do Reino de Deus, utilizando para isso qualquer tipo de meios. Jesus assumiu a causa dos pobres e oprimidos como causa própria.

Por isso, Ele se solidarizou com esse tipo de pessoas e fez da solidariedade seu meio fundamental de evangelização. Uma **solidariedade** sem limites. E uma **solidariedade** que inevitavelmente provocou o conflito até a perseguição e a morte. Daí que este modelo de solidariedade é o ideal que deve orientar à consciência cristã em suas decisões.

7. Por outra parte, devemos concluir que é o **discernimento**, e não a lei, o que tem de orientar e determinar o comportamento cristão.

8. O **critério** que os cristãos possuem para saber que acertou em suas decisões é o “**fruto**” do Espírito, ou seja, a manifestação do **amor** em sua convivência social. No entanto, em nosso mundo, a convivência social está inevitavelmente determinada por condicionamentos de ordem cultural, histórico, econômico e sócio-político.

Por conseguinte, o **discernimento cristão** pressupõe algo que é prévio a ele, a saber: a análise da complexa realidade que é a convivência social, e o conhecimento, o mais objetivo possível, dos fatores que determinam essa convivência em suas circunstâncias concretas e atuais.

Muitas vezes os cristãos tomam suas decisões em função de coisas que pouco ou nada influem para melhorar a convivência social, para que os frutos do Espírito sejam a seiva da família, do grupo ou da sociedade. O que falha então não é o discernimento, mas o que pressupõe todo discernimento que pretenda ser autenticamente responsável: o conhecimento da realidade que nos cerca, com seus verdadeiros determinantes e possíveis agentes de mudança.

9. Por último, é necessário indicar que o **discernimento cristão** não pode ser nunca uma realidade puramente individual e privada. Porque a fé cristã tem uma dimensão essencialmente comunitária e pública. A fé se vive na Igreja e em comunhão com toda a comunidade eclesial.

Isto quer dizer que o fiel cristão, ao fazer seus discernimentos de consciência, há de ter muito presente o que edifica e constrói a verdadeira comunhão dos seguidores de Jesus.

“El discernimiento Cristiano – Por una conciencia crítica”

José Maria Castillo, sj

Ed. **Sigue-me** – Salamanca 2001 (5ª. Edição)